

A FELIZ BELA VIDA DE SÓCRATES

Izabela Bocayuva
UERJ

Espantosa é a escrita, verdadeiramente semelhante à pintura, pois os produtos dela, ela planta como seres vivos; se interrogada, cala-se cheia de dignidade. O mesmo se passa com os *logoi*. Achas que estás a falar com seres inteligentes, mas se algo perguntas querendo aprender o que é apresentado através do *logos*, só respondem de um único modo e sempre a mesma coisa. (FEDRO 275d)

É com enorme satisfação que lhe escrevo em resposta. O texto que você comentou não permaneceu no escuro do universo virtual da Internet! No meio de um turbilhão de escritos, uma questão forçou essa conversa. Nós admiramos a disposição serena do filósofo diante da morte: a morte feliz, como eu digo; a bela morte – como você diz–, a morte de Sócrates.

A questão gira em torno exatamente daquilo que você formula: “É desejável não o viver a todo custo, ou mesmo escapar a todo custo da morte para viver, mas sim o bem viver, que é viver com a alma em boa e bela ordem, ordem que espelha o cosmo do mundo”. Nesse momento já não vale meramente parecer estar bem, mas o estar assim: bem. É exatamente nessa disposição que Sócrates se encontra, seja no julgamento – onde ele é condenado –, seja na proximidade e até mesmo na hora de tomar o veneno. O seu *daimon* não o adverte em nada. Tudo corre bem.

Mas se a questão é essa, eu queria conversar sobre algumas coisas. Você defende que Sócrates não temia a morte *porque* não sabia o que havia *depois* dela. No final do

Bocayuva, Izabela
A feliz bela vida de Sócrates

diálogo *Fédon*, o próprio Sócrates ousa dizer, através de um mito, o que se passa depois da morte, alertando, ao fim da narrativa mítica, para que o bom senso não venha a acreditar literalmente naquilo tudo, embora se deva levar o dito em conta. Na verdade, absolutamente ninguém sabe nada da morte e nem nunca vai saber. Não é que Sócrates desconheça o que há *depois* da morte e por isso está tranqüilo. Ele sequer *sabe* o que é a morte. Ele nem estava preocupado nem despreocupado com o que viria depois do que ele, em primeiro lugar, desconhece inteiramente. O único que ele realmente *sabe* é que está bem. Evidência maior não há, não só para ele, mas para qualquer um que, convivendo com ele, o contemplasse. É essa evidência que tranqüiliza, que o ambienta na verdade, bem como na beleza.

Há um sagrado dizer sim à vida na conduta socrática e de um modo tão radical, que até o “não”, até a negatividade maior, até a morte, é bem acolhida. Não é indiferença, mas plena e serena afirmação, a sua aceitação da morte. Arriscamos ler seu pensamento: “Estou tranqüilo. Tudo é bem vindo! Permaneço tranqüilo como a constância ou fidelidade de Ulisses em sua Odisséia de volta para casa. Sinto-me constantemente em casa e em boa companhia. Que beleza! Mesmo no julgamento, a cada conversa, mesmo na última delas, antes um pouco de tomar um veneno que vai matar meu corpo. Tanto faz. Está tudo bem.”

Voltamos ao mesmo ponto que você pontuou muito bem: “É desejável não o viver a todo custo, ou mesmo escapar a todo custo da morte para viver, mas sim o bem viver, que é viver com a alma em boa e bela ordem, ordem que espelha o cosmo do mundo”.

Mas se a questão é essa, eu lhe perguntaria se teria sido assim mesmo, se no julgamento, como você diz, “Sócrates *percebeu* que a morte naquele momento seria um fim *adequado* e belo à sua vida.”? Será que ele estava julgando se aquela morte era de algum modo *vantajosa* para ele? Será que o problema era com a morte, ou, mais uma vez, com a vida, com o estado de vida, com o viver bem e ver beleza em cada coisa? Se for esse o caso, Sócrates, então, não *percebeu* adequação ou beleza como se aquele momento tivesse que ser adjetivado. Aquela momento *era* substantivamente belo e ponto. De modo plenamente autárquico, Sócrates mantinha-se intocável. Até a situação mais terrível não abalava seu bom humor, mas não por qualquer insensibilidade. Exatamente por isso eu falo, em meu texto, aquelas palavras que você comenta: Sócrates não achava que a vida fosse um

Bocayuva, Izabela
A feliz bela vida de Sócrates

mar de rosas, que ela fosse uma “vida maravilhosa”. Mas uma coisa é certa, ele permaneceu sempre bem humorado. Sempre pronto para uma boa conversa. E isso *seja* nas obras consideradas iniciais, *seja* em qualquer outra em que essa personagem aparece calada ou falando. Sócrates é o filósofo, o caráter inabalável que lida com o inabalável.

Gosto muito quando você fala das “pequenas mortes” que o homem contemporâneo teme enfrentar e por isso suporta viver uma vida arrastada e exasperante, atormentada por desconfortáveis sensações que giram em torno, como fantasmas. Trata-se daquelas sombras constituintes do viver de quem como que habita numa caverna tal como descrito no início do livro VII de *A República*. Uma vida em conflito ao mesmo tempo que acomodada, vida de temor, vida covarde, vida escrava. O contraste desse modo de viver com o do filósofo é gritante!

Voltando a Sócrates. Vejo o seu não temor não como sendo porque ele não tivesse motivos para temer. Ele simplesmente não temia. É como a beleza de todos os momentos. Aquele momento simplesmente era belo, duradouramente. Esse Sócrates, como indiquei acima, é a personagem “*ho philósophós*” de Platão. Não importa se essa personagem se encontra em textos que nós, os especialistas, resolvemos dividir tecnicamente em fases. Quem garante que Platão não escreveu o *Críton*, por exemplo, já idoso? Há muito a conversar a respeito. Estamos entrando por veredas difíceis de trilhar. Considero, atualmente, as coisas assim: Platão é um desses homens que carrega o mundo nas costas. Tanto faz por onde começamos em sua obra, encontramos sempre a filosofia toda. É como se fosse ele um deus. Nasceu já adulto. Toda sistematização de seu pensamento, inevitavelmente epigonal e incerta, embora traga muito mérito para os pesquisadores, não é o mais importante. A suposta obra de juventude de Platão já é madura. A todo momento ele procura traçar um perfil, uma imagem, o caráter do filósofo. Sócrates ou uma estirpe? De qualquer modo, um tipo que vive o perene em todos os sentidos.

Reitero a minha imensa satisfação em me ver provocada, por você, a continuar desdobrando uma questão tão importante para a filosofia – e para todo homem em geral e em todos os tempos – como é a questão da dignidade de Sócrates diante da morte.

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2008.